

5. “Mestre, que é feito de ti nesta forma de vida?": a heteronímia como forma de vida

Nesta última parte do trabalho, voltamos nossa atenção para o acontecimento heteronímico, tendo em vista sua realização enquanto fenômeno de escrita que nos apresenta uma literatura pensante. Partindo do pressuposto de que “não há Literatura sem uma Moral da linguagem” (Barthes, 2004, p. 7), pretendemos identificar o pensamento linguístico que subjaz ao gesto heteronímico a partir da hipótese de que podemos relacioná-lo produtivamente à noção wittgensteniana de forma de vida.

5.1 Heteronímia – breve estado da arte

Por sobredeterminar tudo o que escreve, a heteronímia é a questão mais importante dentro do universo pessoano. Para Martins e Zenith, “a poesia de Pessoa parece necessitar da ideia de heteronímia para fazer sentido”, não só porque o fenômeno, nos deslocamentos que provoca, concebe um novo sentido para sua poética, mas talvez principalmente porque “suas características de inacabamento, ambiguidade e fragmentaridade tornam essencial o vislumbre de síntese que o sistema dos heterônimos oferece” (Martins e Zenith, 2012, p. 11-12).

Forma mais evidente de expressão das múltiplas, inusuais e singulares configurações que a ideia de sujeito desempenha na obra poética e filosófica de Fernando Pessoa (Borges, 2011, p. 17), a experiência heteronímica é um ponto crucial para a compreensão de sua obra, tendo recebido especial atenção de muitos comentadores que se dedicaram a investigá-la como forma de compreender o universo pessoano.

De acordo com o verbete *heteronímia*, assinado por Fernando Guimarães no *Dicionário de Fernando Pessoa e do modernismo português*, o fenômeno de

“desvio ou alteração textual” não é de todo inédito na história da literatura¹; contudo, encontrou um significado especial em Fernando Pessoa, uma vez que “afeta o sentido mesmo de sua obra considerada na sua globalidade” (Guimarães, 2010, p. 238). Por esse motivo, segundo o especialista, o problema da heteronímia gera uma ampla discussão acerca do valor e do sentido que confere à obra de Pessoa, tendo, assim, interessado a muitos estudiosos, que abordam a questão sob os mais variados vieses, alguns dos quais receberão nossa atenção a seguir.

A heteronímia, segundo Lourenço (1973, p. 203), marcará para sempre Fernando Pessoa, constituindo, enquanto ficção, uma conversão natural e inconsciente da poética pessoana do plano psicológico em plano mítico, este definido a partir do aparecimento de Alberto Caeiro como mestre da constelação de poetas.

A princípio identificado como um conteúdo de ordem psíquica, o fenômeno da despersonalização adquire contornos de problema estético a partir da explicação que Fernando Pessoa oferece a Casais Monteiro, em carta de 13 de janeiro de 1935, onde narra a gênese de sua “*coterie* inexistente”. Se inicialmente a heteronímia foi confundida com um desvio da personalidade histérica do autor, a partir dessa explicação, o fenômeno passa a ser entendido como um problema estético, que coloca em perspectiva toda a sua obra.

De acordo com Jacinto Prado Coelho, comparece em Fernando Pessoa desde muito cedo uma “consciência de que o conhecimento do Ser não está ao seu alcance, de que verdade e mentira, sim e não, realidade e ficção serão sempre, para ele, conceitos intermutáveis” (Prado Coelho, 1983, p. 65). Daí, segundo o estudioso, sua condenação ao absurdo, ao paradoxo que o destinariam a “uma existência vã se não a justificasse um dom sem igual: o dom da criação poética, alimentada pelo exercício contínuo do sonho, da análise das sensações e da reflexão metafísica” (Prado Coelho, 1983, p. 66).

Essa consciência, aliada à potência poética que concilia o sonho, as sensações e um certo aparato metafísico, abririam em Fernando Pessoa duas vias de conhecimento: racional e hermético-mística (Prado Coelho, 1983, p. 66). A via de conhecimento racional diz respeito à sua tendência a raciocinador hábil que se

¹ Conforme podemos ver nos escritores portugueses Carlos Mesquita, que criou os poetas Jerónimo Freire e Bartolomeu de Frágoa, e Alberto Brandão, que criou Alberto Cantargalo, além do famoso caso do filósofo dinamarquês Kierkegaard, para citar alguns exemplos (Guimarães, 2010, p. 238).

manifesta ao lado de busca constante por uma compreensão das coisas que foge justamente à esfera do pensamento racional e se entrega a um modo de ver místico, aderente à aceitação do mistério das coisas. Nesse sentido, é que entendemos juntamente com Antônio Quadros, no prefácio que faz à organização de textos pessoais intitulada *A procura da verdade oculta: textos filosóficos e esotéricos*, a coexistência em Fernando Pessoa de um impulso racional, vinculado à satisfação de sua “apaixonada curiosidade intelectual”, e de uma poderosa “intuição do divino”, em que se vislumbra a experimentação de uma visão mística do mundo (PVO, s/d, p. 12-13).

Embora não seja o propósito deste estudo dimensionar o papel da razão em Fernando Pessoa, ele nos serve para nos ajudar a delimitar o alcance da gênese heteronímica em sua obra. De acordo com nossa percepção, a razão comparece em Fernando Pessoa inicialmente como possibilidade de acesso ao mundo e meio para compreendê-lo. Porém, conforme demonstra Prado Coelho, esta razão de antemão se mostra insuficiente.

É sob essa perspectiva que Prado Coelho (1983, p. 65-66) considera que Fernando Pessoa “falhou” diante do conhecimento racional, sendo esta a raiz de seu total pessimismo, que inaugura um movimento duplo em sua poética de confiança e descrença na possibilidade de conhecimento extrarracional. Podemos considerar que essa duplicidade nos fornece um fundamento preliminar para pensar a gênese heteronímica.

De acordo com José Gil, seria reveladora dessa oscilação a emergência de Alberto Caeiro enquanto mestre, dissolvidor das aporias, preenchedor das falhas e das fraturas de Campos, Reis, Soares e Fernando Pessoa ortônimo, figuras ainda oscilantes quanto ao abandono da metafísica (Gil, 1999, p. 14). Desse modo, vemos como a heteronímia desempenha um papel central na obra de Fernando Pessoa, como ainda observa Prado Coelho em estudo dedicado a surpreender “a unidade implícita na diversidade das obras ortônimas e heterônimas” (Prado Coelho, 1990, p. 11).

Em texto que procura delimitar os estilos e motivos comuns aos heterônimos, Jacinto Prado Coelho (1990) observa que a gênese heteronímica tem um caráter movediço, sendo praticamente impossível delimitar com precisão os seus limites. No entanto, ao lado da diversidade de tons e atitudes presentes na

obra de Fernando Pessoa, é possível reconhecer a “existência de uma personalidade única, verdadeiramente inconfundível”. (Prado Coelho, 1990, p. 12)

Alguns comentadores, como é o caso de Maria de Lourdes Belchior (1962) e Eduardo Lourenço (1973, 1986), optaram por não privilegiar a tensão entre a unidade e diversidade nos heterônimos, e sim assumi-los como instâncias cuja separação radical não pode se reduzir a uma “soma das unidades”, pertencente à esfera da “normalidade-mítica” do espírito moderno (Lourenço, 1986, p. 100), sendo o fenômeno uma espécie de resposta de Fernando Pessoa à angústia de seu tempo.

É nesse sentido que Belchior (1969) pensa a heteronímia como uma espécie de saída pessoana para os anseios expressos na modernidade. Segundo sua leitura, a heteronímia revela, no seu caráter múltiplo e fragmentário, as tensões entre as ideias de unidade e esfacelamento presentes na crise do sujeito moderno. Segundo a pesquisadora, Pessoa representa, por meio do outramento heteronímico, uma “angustiada procura da unidade” a que os poetas modernos se veem apegados diante da consciência da pluralidade e da fragmentação do mundo contemporâneo. Dessa postura decorreria o reconhecimento da falência em que se encontra o sujeito moderno, que já não encontra na razão a resposta a seus anseios.

Desse modo, Fernando Pessoa seria um dos principais representantes de um sentimento moderno de frustração que se exprime na busca por uma unidade a partir, principalmente, das ideias de transferência e de transcendência. Assim a pesquisadora vê a heteronímia em Fernando Pessoa como uma transferência a partir dos “outros” que cria, e transcendência pela suspensão do tempo, tido como eterno-atual, a partir da compreensão estabelecida por Casais Monteiro (Belchior, 1962, p. 63).

Ora, a essa altura já nos é possível identificar o quão problemática é a heteronímia, cuja ideia de unidade parte do reconhecimento de sua construção como mosaico de temas e motivos, os quais, em conjunto, conferem sentido à poética pessoana. No entanto, embora seja possível reconhecer a produtividade dessa ideia de unidade na pluralidade, ela não se pacifica, tendo em vista que se trata de uma “relativa” unidade marcada pelo signo do fragmento e da contradição, que fazem com que a poética pessoana resista a uma explicação única de seus processos, em prol da descrição de suas especificidades.

Esta adesão à descrição como forma de compreensão funciona como uma espécie de testemunho inicial da dificuldade, ou mesmo impossibilidade, de reduzir o fenômeno a um mero exercício de síntese ou de fragmentação da poética pessoana. Contudo, é pacífica a ideia de que a heteronímia, mesmo diante da diversidade que assume, organiza em torno de si a obra de Fernando Pessoa.

Nesse sentido, Casais Monteiro e Prado Coelho parecem concordar que, apesar de os heterônimos se referirem a formas específicas de expressão, eles criam, no conjunto, um sistema que confere unidade à obra pessoana. Daí o consenso em relação à importância de lê-la a partir deles. Sobre isso, vale destacar uma afirmação de Casais Monteiro, que adverte para que “a multiplicidade de planos não nos iluda”, afinal “que importa quanto se contradigam os vários heterônimos, se ao fim nos resta uma impressão de totalidade” (Casais Monteiro, 1958, p. 72). É seguindo esse caminho que Martins e Zenith (2012) também defendem a ideia de que a heteronímia, enquanto sistema, fornece uma síntese para a obra de Fernando Pessoa.

Contudo, apesar da sua importância como meio para adentrar o universo poético de Fernando Pessoa, a heteronímia não se apresenta como uma possibilidade de conclusão definitiva, pois, conforme alerta Lourenço, “nem na ordem estética nem na ordem mais importante da existência, a ficção heteronímica se revelou uma *solução*” (1973, p. 203). Antes ela indica, como se pôde observar rapidamente, horizontes e nunca uma saída para a compreensão total dos seus procedimentos estéticos.

Logo, não é difícil reconhecer que a complexidade da heteronímia resiste à tentativa de uma explicação única e definitiva. Ela se abre principalmente a possibilidades de leitura, cujos caminhos interpretativos sugerem um percurso labiríntico, por meio do qual muitos viram mais “uma maneira de diferir para sempre a dificuldade nuclear que suscitou do que uma maneira de lhe pôr termo” (Lourenço, 1973, p. 203).

Desse modo, a centralidade da heteronímia em Pessoa se revela na forma como toda sua obra adquire um novo sentido: a despeito da multiplicidade de leituras e abordagens existentes sobre o fenômeno, não se pode deixar de observar que parece ser um consenso o fato de que a obra de Fernando Pessoa ganha um novo significado a partir do lugar central que a heteronímia ocupa nela.

De acordo com José Gil (1999), a heteronímia ainda determina uma mudança de perspectiva dentro da obra de Fernando Pessoa. Segundo o estudioso, é possível identificar um Fernando Pessoa envolvido pelo ideário metafísico antes da gênese heteronímica e outro, de índole cética, após a aparição de Álvaro de Campos, em 1914, e mais tarde sob a influência direta de Alberto Caeiro, o mestre de todo o movimento que se constrói a partir dessas pessoas-livros.

É nesse sentido que Eduardo Lourenço acredita que a heteronímia muda o sentido da dificuldade da obra de Fernando Pessoa:

[o] que era mera possibilidade [a gênese heteronímica] adquiriu uma forma e mesmo uma forma particularmente nítida. O regresso ao magma original é impossível e esse magma mesmo só ganha significação e relevo na luz retrospectiva que os focos Caeiro, Reis e Campos sobre ele projetam. (Lourenço, 1973, p. 203)

Se antes da criação dos heterônimos a tendência para a despersonalização era sugerida pelo próprio Pessoa como uma marca de sua particular constituição psicológica definida por sua personalidade “histero-neurastênica”², com o surgimento mítico de Caeiro ficam estabelecidos os limites estéticos do fenômeno, que passa a responder a um fazer poético, e não apenas um mero desvio de personalidade. Tal passagem do plano psicológico para o mítico, nos termos de Lourenço (1973), ou do plano psicológico para o estético nas palavras de Guimarães (2010), vem a redefinir o interesse pela heteronímia. Ela passa a ser reconhecida como uma das mais importantes questões que a arte de Pessoa põe em jogo, e não somente uma marca de uma personalidade que se percebe múltipla desde a mais tenra idade do autor.

Embora não reconheça na heteronímia o campo a partir do qual se pode traçar as clivagens essenciais do mundo poético e existencial pessoano, Lourenço não deixa de considerar que a criação das personalidades literárias contribui para a complexidade da poesia de Fernando Pessoa (Lourenço, 1973, pp. 217-218).

É importante levarmos em consideração essa advertência de Eduardo Lourenço (1973) quanto à heteronímia, pois ela nos indica a complexidade desse

² “A origem dos meus heterônimos é o fundo traço de histeria que existe em mim. Não sei se sou simplesmente histérico, se sou, mais propriamente, um histero-neurastênico. Tendo para esta segunda hipótese, porque há em mim fenômenos de abulia que a histeria, propriamente dita, não enquadra no resgisto dos seus sintomas. Seja como for, a origem mental dos meus heterônimos está na minha tendência orgânica e constante para a despersonalização e para a simulação.” (OP. “A gênese dos heterônimos”, 1986, p. 95)

fenômeno. Para o autor, a heteronímia não pode ser uma solução em Fernando Pessoa, porque a partir dela, não seria possível colocar termo sobre os pressupostos básicos de sua poética. Antes ela acentua os diversos caminhos de leitura da obra pessoana.

Nesse sentido, o fenômeno heteronímico corresponderia a um movimento duplo dentro da economia do texto pessoano. Se por um lado, junto com seus principais comentadores, consideramos que a heteronímia indica os percursos, caminhos que distinguem a poesia de Fernando Pessoa, por outro ela nunca será tida como uma chave, ou mesmo um mapa, pois não soluciona nenhum problema de sua obra, antes potencializa e complexifica suas questões.

Se a heteronímia define ou não a obra de Fernando Pessoa não é exatamente o foco deste estudo. O importante é reconhecê-la como origem de um movimento de pensamento, de pensamento poético deve-se assinalar, em que a obra de Fernando Pessoa ganha contornos especiais sobretudo nos deslocamentos radicais que provoca. E isso, conforme observamos, pode ser relacionado com a maneira wittgensteiniana de pensar a filosofia em acordo com uma certa perspectiva diante da vida.

A heteronímia, sem dúvida, reúne em torno de si questionamentos cuja relevância ultrapassa a economia do texto pessoano. Ao pôr em cena a emergência de subjetividades outras produzidas pela escrita, a heteronímia surge como um fenômeno que põe em evidência a questão do ser e do existir em relação a uma problemática da linguagem. Isso porque, no modo como se constituem pessoas-livros, o gesto heteronímico enfoca problemas caros à tradição do pensamento ocidental, como a relação entre sujeito, escrita e mundo, de que trataremos a seguir.

5.2 O problema do sujeito na heteronímia

A heteronímia configura-se como um tipo especial de escrita. Sendo uma escrita do outro, o processo heteronímico não se confunde com o pseudonímico, na medida em que desloca e complexifica a noção de sujeito do enunciado, a partir da ideia de alteridade marcante de seu texto.

Enquanto a pseudonímia mantém intacto o estatuto do sujeito como fonte da enunciação, respondendo a uma individualidade una, que apenas assina sob outro nome, a heteronímia acentua a questão de uma alterização a partir do texto. Assim, a personalidade que constitui um texto pseudônimo assegura o estatuto do sujeito enquanto fonte emissora, não correspondendo ao processo de esfacelamento ou deslocamento radicais que a heteronímia, enquanto fenômeno de outramento, propõe³.

Em outras palavras: ao fazer uso do pseudônimo, o autor ainda se mantém como o detentor do discurso, apenas assinando com outro nome diferente do seu, mantendo intacta a confiança na ideia de autoria. Um pseudônimo é um “nome suposto, nome diferente na aparência, mas encobrindo a mesma pessoa na essência, nome que se usa para ocultar uma individualidade que não pretende repartir-se ou desdobrar-se” (Simões, 1971, p. 31).

Portanto, na pseudonímia não há qualquer tipo de dúvidas a respeito do sujeito da enunciação. Este apenas se esconde sob um outro nome que apenas encobre, e não altera, a origem do discurso.

Na heteronímia, ao contrário, a própria ideia de identidade do sujeito autor do enunciado é complexificada quando esta passa a ser construída a partir do texto. Se temos na pseudonímia a preservação de uma identidade preconcebida relativamente ao texto, na heteronímia essa concepção é desfeita.

Isso porque não há no texto heteronímico um sujeito *a priori* que comunica por meio da escrita um conteúdo intencional. Na heteronímia, as subjetividades são construídas no ato da escrita, conforme explica Fernando Pessoa nesta passagem da carta a Casais Monteiro:

Num dia em que finalmente desistira [de criar um poeta bucólico] (...) acerquei-me de uma cômoda alta, e, tomando um papel, comecei a escrever, de pé, como escrevo sempre que posso. E escrevi trinta e tantos poemas a fio, numa espécie de êxtase cuja natureza não consegui definir. (...) E o que se seguiu foi o aparecimento de alguém em mim, a quem dei desde logo o nome de Alberto Caeiro. Desculpe-me o absurdo da frase: aparecera em mim o meu mestre. (OPr, “A gênese dos heterônimos”, 1986, p. 96)

³ Sobre isso, ver Gusmão (2000, p. 1-14), que, a partir dos conceitos operatórios de *anominato* e *alterização*, trazidos respectivamente por sua leitura de Barthes e Pessoa, coloca o problema do outramento sob a perspectiva da morte do autor na modernidade.

A partir desse fragmento, podemos perceber que a gênese heteronímica diz respeito a um efeito de linguagem que resguarda em si o mistério da origem que se dá pela escrita. À maneira de um lapso de escrita, Alberto Caeiro surge e inaugura a “*coterie* inexistente”, cujos colegas são acontecimentos de linguagem, como confirma esta outra passagem da mesma carta:

Aparecido Alberto Caeiro, tratei logo de lhe descobrir – instintiva e subconscientemente – uns discípulos. Arranquei do seu falso paganismo o Ricardo Reis latente, descobri-lhe o nome e ajustei-o a si mesmo, porque nessa altura já o *via*. E, de repente, e em derivação oposta à de Ricardo Reis, surgiu-me impetuosamente um novo indivíduo. *Num jato, e à máquina de escrever, sem interrupção nem emenda, surgiu a Ode Triunfal de Álvaro de Campos – a Ode com esse nome e o homem com o nome que tem.* (OPr, “A gênese dos heterônimos”, 1986, p. 96 – grifo nosso)

Logo, o texto heteronímico não se confunde com o texto pseudonímico. Na heteronímia, a relação entre sujeito e autoria é ressignificada a partir do momento em que se rompe a tradicional identificação entre o texto e o sujeito empiricamente determinado que o escreve. Dessa maneira, a ideia de assinatura é deslocada em nome de um processo de escritura que questiona o lugar do sujeito como origem da escrita.

Se por um lado, o pseudônimo é uma forma de assegurar, ou até mesmo proteger, o autor sob uma outra assinatura que resguarda sua “verdadeira” identidade, por outro, o processo heteronímico cria uma outra identidade, separada do autor “original”, pela escrita, porque:

Nem esta obra, nem as que se lhe seguirão, têm nada que ver com quem as escreve. Ele nem concorda com o que nelas vai escrito, nem discorda. Como se fosse ditado, escreve; e, como se lhe fosse ditado por quem fosse amigo, e portanto com razão lhe pedisse para que escrevesse o que ditava, acha interessante – porventura só por amizade – o que, ditado, vai escrevendo. (TH, trecho 59, p. 215)

O gesto heteronímico constitui-se num processo de construção textual em que o texto produzido não mais se refere a um autor, sujeito do discurso, que o utiliza como veículo para expressão de suas ideias e pensamentos. O texto heteronímico, na medida em que desfaz a correspondência entre o autor empírico e a escrita, constitui-se a partir de um processo místico de audição de um dito

como se fosse ditado por outro, cujo estatuto ontológico se assegura por essa mesma audição.

Nesse sentido é que o texto heteronímico pode ser entendido como um tipo de desvio ou alteração. Isso porque ele problematiza o conceito tradicional de escrita ao pôr em cena um modo de criação verbal que tem por principal característica uma alteridade construída na própria tessitura da escrita: o texto heteronímico é uma escrita do outro, e este outro se constrói por linguagem.

Desse modo, o problema da heteronímia envolve tudo o que se relaciona com o processo criativo por meio da linguagem. Ou seja: o fenômeno heteronímico implica na confecção de um texto cuja autoria é atribuída a um nome que não encontra correlato no mundo empírico e não se confunde com o autor ele-mesmo. A identidade do texto heteronímico é construída como processo de escrita – “como se lhe fosse ditado, escreve”. Logo:

[s]e escrevem coisas belas, essas coisas são belas, independentemente de quaisquer considerações metafísicas sobre os autores ‘reais’ delas. Se, nas suas filosofias, dizem quaisquer verdades – se verdades há num mundo que é o não haver nada – essas coisas são verdadeiras independentemente da intenção ou da ‘realidade’ de quem as disse. (TH, 2012, p. 215)

Assim, Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Alberto de Campos⁴ são autores distintos do autor “real” que os criou e conhecidos do público-leitor independentemente de suas existências “reais”, pois possuem estatuto ontológico por meio da escrita que são. A nosso ver, não seria outro o motivo que leva Fernando Pessoa a fazer a seguinte recomendação sobre a atitude adequada que o futuro leitor dos heterônimos deve ter diante dos livros:

A atitude, que deveis tomar para com estes livros publicados, é a de quem não tivesse dado esta explicação [a respeito dos heterônimos], e os houvesse lido, tendo-os comprado, um a um, de cima das mesas de uma livraria. Outra não deve ser a condição mental de quem lê. Quando ledes *Hamlet*, não começais por estabelecer bem no vosso espírito que aquele enredo nunca foi real. *Envenenaríeis com isso o vosso próprio prazer, que nessa leitura buscais. Quem lê deixa de viver. Fazei agora por que o façais. Deixai de viver, e lede. O que é a vida?* (TH, 2012, p. 212 – grifo nosso)

⁴ Ao todo foram encontrados nos espólios de Fernando Pessoa mais de 100 casos de heterônimos, dos quais se destacam como os principais: Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos, devido ao alto grau de alteridade e relevância de suas escritas. (Cf. Martins e Zenith, 2012, p. 41-46)

Nessa passagem, podemos identificar um pedido de adesão ao gesto heteronímico: pede-se que esses poetas sejam lidos no horizonte daquilo que escreveram, e não tendo em vista sua existência real. Afinal, interroga Pessoa, “[q]uem vos [nos] diz que esta atitude não seja, no fim, a mais justamente conforme a ignorada realidade das coisas?” (TH, 2012, p. 213).

Assim, devemos ler os heterônimos como personalidades “perfeitamente definidas” que se destacam da do autor que as criou, sendo identificadas pela linguagem que as define e enforma, constituindo influências, intervindo no mundo, delimitando formas de ser pela escrita que são, independentemente de sua “ignorada realidade”. Não é de outra maneira que compreendemos a seguinte passagem, que julgamos ser uma síntese dessa ideia:

Algumas teorias, que o autor presentemente tem, foram-lhe inspiradas por uma ou outra destas personalidades que, um momento, uma hora, uns tempos, passaram consubstancialmente pela sua própria personalidade, se é que esta existe.

Afirmar que estes homens todos diferentes, todos bem definidos, que lhe passaram pela alma incorporadamente, não existem – não pode fazê-lo o autor destes livros; porque não sabe o que é existir, nem qual, Hamlet ou Shakespeare, é que é mais real, ou real na verdade. (TH, 2012, p. 215)

No entanto, poderíamos questionar: o que distingue a heteronímia do processo de construção de personagens de um drama? Fernando Pessoa nos responde que é a forma. Embora a heteronímia possua a mesma substância do drama, ela se diferencia dele quanto à forma, conforme afirma nesta alongada, e já bastante conhecida, passagem em que explica a gênese de suas pessoas-livros:

Há autores que escrevem dramas e novelas; e nesses dramas e nessas novelas atribuem sentimentos e ideias às figuras, que as povoam, que muitas vezes se indignam que sejam tomados por sentimentos seus, ou ideias suas. Aqui [nos heterônimos] a substância é a mesma, embora a forma seja diversa.

A cada personalidade mais demorada, que o autor destes livros conseguiu viver dentro de si, *ele deu uma índole expressiva, e fez dessa personalidade um autor, com um livro, ou livros, com suas ideias, as emoções, e a arte* dos quais, ele, o autor real (ou porventura aparente, porque não sabemos o que seja a realidade), nada tem, salvo o ter sido, no escrevê-las, o médium de figuras que ele próprio criou. (TH, 2012, p. 214-215 – grifo nosso)

Ou seja, cada heterônimo é um autor que se desprende daquele que poderíamos julgar como o autor “real”, sendo detentor de uma própria expressão que lhe confere existência. Tendo escrito poemas, dotados de ideias, emoções e

arte próprias, exercem uma função social que extrapola a condição de personagens de um drama e atuam no mundo como “gente”⁵.

Ou seja, os heterônimos são subjetividades deslocadas do autor próprio que as forjou não como partes de um drama, mas como seres que compartilham um modo de vida que se dá como escrita. São sujeitos que se constroem e perpetuam enquanto escrita.

5.3 A escrita heteronímica

Dimensionados o problema central da heteronímia e a sua importância dentro dos estudos pessoanos, partimos agora para a investigação desse acontecimento enquanto fenômeno de escrita, procurando compreender de que maneira o existir pela linguagem nos permite estabelecer a relação entre o gesto heteronímico e a ideia de forma de vida.

Como ponto de partida para esta empreitada, acreditamos que se encontra uma questão que atravessa toda a ideia da heteronímia: uma certa perplexidade diante do existir, que pode ser resumida nos seguintes versos de Caeiro, já discutidos anteriormente: “(...) eis o que os meus sentidos aprenderam sozinhos:/ As cousas não têm significação: têm existência. (...)” (OP, “O Guardador de Rebanhos”, XXXIX, 1965, p. 223).

Relativizamos a perplexidade, pois acreditamos que esta apresenta enfoques diversos, de acordo com cada heterônimo. Isto é: o peso da existência (poderíamos dizer trágica?) não é sentido da mesma maneira por Reis, Campos, Soares e Pessoa ele-mesmo. É possível perceber uma diferença de intensidade com que cada um confronta o existir, sendo Caeiro, de acordo com o que entendemos a partir da leitura de José Gil, aquele que melhor se entende com a essa questão, pois sua “consciência está em osmose perfeita com a vida” (Gil, 1999, p. 68).

Essa relação entre a existência sem fundo das coisas e os sentidos que comprovam o haver pelo olhar em Caeiro nos parece ser o laço do nosso problema, que é agora pensar a relação da heteronímia com a escrita. Resta-nos

⁵ Sobre isso ver, por exemplo, Seabra (1991).

perguntar: quais seriam as implicações dessas existências – os heterônimos – que se constituem como escrita?

Antes de tentar delimitar o alcance dessa pergunta, acreditamos ser necessário circunscrever aquilo que entendemos como escrita, tendo em vista a abrangência desse conceito. Assim, partiremos de dois pensadores franceses a partir dos quais julgamos ser possível estabelecer um diálogo produtivo com Fernando Pessoa. Estamos falando de Roland Barthes e Jacques Derrida, cujas ideias nos auxiliarão a compreender o alcance da escrita dentro da tradição do pensamento ocidental.

Para pensar a escrita, Barthes faz a distinção entre três realidades formais que, juntas, participam da literatura e, conseqüentemente, referem-se a uma problemática da linguagem: a língua, o estilo e a escrita (Cf. Barthes, 2004, p. 9-37). De acordo com ele, a escrita é uma realidade formal que se situa entre a língua e o estilo (Barthes, 2004, p. 13).

Enquanto, a língua e o estilo são o produto natural do tempo e da pessoa biológica, a escrita, identidade formal do escritor, estabelece-se fora da prescrição gramatical e da ordem do estilo. A escrita conecta a palavra do escritor à História do outro.

a escrita é uma função: é a relação entre a criação e a sociedade, é a linguagem literária transformada em sua destinação social, é a forma captada em sua intenção humana e ligada às grandes crises da História. (Barthes, 2004, p. 13)

Isso quer dizer que sobre a escrita pesa uma reflexão acerca da linguagem que implica uma escolha quanto ao uso da língua e do estilo. Teresa Rita Lopes, em prefácio à edição de textos inéditos de Fernando Pessoa, destaca uma orientação do poeta nesse sentido. Leiamos com ela:

“Repare-se que [Fernando Pessoa] reservou, contudo, para o português a nobre tarefa de ‘sentir’ e ‘dizer’, que é o próprio do Poeta, e para o inglês o papel de comunicar, ‘lingua scientifica e geral’, o que é próprio da prosa que ‘o cidadão do mundo’ que se sente ser terá que usar na ‘vida pública’. Por isso, diz talvez numa carta (...): consigo, em geral, ser mais simples em inglês que em português’.” (PI, 1993, p. 27)

Se, como já citamos anteriormente, a literatura é uma moral da linguagem, a escrita é a moral da forma, por meio da qual o escritor situa a natureza da sua

linguagem, na medida em que “[s]ua escrita é um jeito de pensar a Literatura, não de estendê-la” (Barthes, 2004, p. 11).

Isso significa dizer que a escrita, sendo uma escolha sobre a forma e, por isso mesmo, refletindo sobre a linguagem, pensa a literatura, trazendo sempre – no uso que faz da língua e no tratamento que confere ao estilo – uma reflexão sobre a arte literária. No entanto, essa reflexão, segundo nossa compreensão do por vezes enigmático texto barthesiano, é limitada pela natureza da linguagem. Por isso, a escrita não estende a Literatura, não ultrapassa o seu limite, tendo-a sempre no seu horizonte.

Não é de outra maneira que compreendemos a gênese heteronímica. Ela, no entanto, na maneira singular como problematiza a escrita, sugere uma possibilidade de criação que ultrapassa a literatura ou mesmo a linguagem. Afinal, ergue sujeitos cuja existência, poderíamos julgar, expande os limites da obra de Fernando Pessoa ele-mesmo.

Desde já, ressaltamos que essa não é a leitura que fazemos e que, tampouco, encontramos respaldo no texto pessoano para a ideia de que a heteronímia quer fazer mais que ser literatura. Sempre que aqui nos referimos ao mistério do acontecimento heteronímico ou mesmo ao erguimento dessas subjetividades outras por linguagem, é para enfatizar o aspecto enigmático de uma certa concepção do fenômeno linguístico, e consequentemente de literatura, implícita ao gesto de outramento.

Sob essa perspectiva, cabe observarmos em Wittgenstein uma certa coincidência de dicção quanto a esse aspecto: “[p]enso de facto com a minha caneta, pois é frequente que a minha cabeça nada saiba sobre o que a minha mão está a escrever” (BV, p. 34).

Nesse sentido é que entendemos que a heteronímia é um fato de escrita, em que cada heterônimo, por meio de uma língua (em geral portuguesa, mas há ocorrências em língua francesa e inglesa), dotado de um estilo, inscreve-se. E justamente por serem eles mesmos participantes de uma língua e a partir dela expressarem um estilo é que diferem de meros personagens de um romance ou drama. Em última instância, poderíamos ser levados a pensar que a carga dramática que se vislumbra nesse gesto de outramento pela linguagem se refere ao jogo cênico implícito à dança de estilos circunscrita à gênese de Caeiro, Reis e Campos.

A heteronímia possui uma gramática própria, com critérios próprios que delimitam seu existir. Critérios esses conformes com a vida, ou com aquilo que entendemos como sendo definidor da nossa humanidade. Os heterônimos são humanos ou se prestam a exercer a qualidade do humano quando participam do jogo da criação literária, quando tomam sua parte nessa complicada forma de vida que é a literatura⁶.

Os heterônimos instauram um tipo de realidade que se realiza pela escrita. E essa escrita é dotada de um estilo revelador de cada personalidade escritora, como demonstra esta passagem retirada da “Nota preliminar” que abre a seção *Ficções do Interlúdio*, da organização de Maria Aliete Galhoz para a obra poética:

Os tipos de figuras distinguem-se do seguinte modo: nas que me destaco em absoluto, o mesmo estilo, me é alheio, e se a figura o pede, contrário, até, ao meu; nas figuras que subscrevo não há diferença do meu estilo próprio, senão nos pormenores inevitáveis, sem os quais elas não se distinguiriam entre si. (OP, “Nota preliminar”, *Ficções do interlúdio*, 1965, p. 197)

Ou seja: o estilo aparece como principal elemento distintivo da heteronímia, cujo outramento é definido pela forma como cada uma das pessoas-livros se expressa, apresentando um estilo particular. Para compreender melhor essa distinção, sigamos com a leitura da passagem:

Compararei algumas destas figuras, para mostrar, pelo exemplo, em que consistem essas diferenças. O ajudante de guarda-livros Bernardo Soares e o Barão de Teive – são ambas figuras minhamente alheias – escrevem com a mesma substância de estilo, a mesma gramática e o mesmo tipo e forma de propriedade: *é que escrevem com o estilo que, bom ou mau, é o meu*. Comparo as duas porque são casos de um mesmo fenômeno – a inadaptação à realidade da vida, e o que é mais, a inadaptação pelos mesmos motivos e razões. Mas, ao passo que o português é igual no Barão de Teive e em Bernardo Soares, o estilo difere em que o fidalgo é intelectual, despido de imagens, um pouco como direi?, hirto e restrito; e o do burguês é fluido, participando da música e da pintura, pouco arquitetural. (OP, “Nota preliminar”, *Ficções do interlúdio*, 1965, p. 197 – grifo nosso)

Esta alongada passagem serve para demonstrar a pertinência de pensarmos o estilo como um dos principais elementos que compõem a gênese heteronímica. Não podemos deixar de destacar a semelhança de tratamento que Fernando Pessoa confere à escrita. Esta é resultado de uma articulação entre língua e estilo que

⁶ Sobre isso, vale ler junto com Octavio Paz o seguinte: “Os poetas não têm biografia. Sua obra é sua biografia” (Paz, 2009, p. 201).

definem sua natureza: “O horizonte da língua e a verticalidade do estilo desenham, pois, para o escritor, uma natureza, porque ele não escolhe nem uma coisa nem outra” (Barthes, 2004, p. 12).

A língua do Barão de Teive e de Bernardo Soares é a mesma: a portuguesa, da qual fazem um uso semelhante; já o estilo é diferente, ele reflete algo que se insinua como a constituição própria de seus caracteres. Ainda de acordo com Barthes, o estilo é algo que tem origem em uma natureza do escritor. Refere-se portanto à sua biologia. Não se funda na História, mas constitui aquilo que de particular o escritor tem: “ele (o estilo) é a ‘coisa’ do escritor, seu esplendor e sua prisão, é a sua solidão” (Barthes, 2004, p. 11). Parte privada do ritual da literatura, o estilo é uma equação entre a intenção literária e a estrutura carnal do autor (Barthes, 2004, p. 11). Observemos essa elucidação trazida por Barthes prestando atenção ao contexto maior em que ela se insere:

O estilo (...) mergulha na lembrança enclaustrada da pessoa, compõe a sua opacidade a partir da experiência da matéria; o estilo nunca é mais que metáfora, quer dizer, equação entre a intenção literária e a estrutura carnal do autor (...). Assim, o estilo é sempre um segredo. (Barthes, 2004, 2004, p. 11-12)

Desse modo, o estilo refere-se a algo que define e singulariza o escritor. É a parte da escrita que diz respeito àquilo que o escritor tem de pessoal. Relaciona-se à sua herança, à sua memória, a algo que traz consigo como um rastro do passado. No entanto, não se confunde com a expressão de uma subjetividade, nem é um veículo de transmissão de um querer-dizer intencional, conforme podemos observar no seguinte fragmento ainda do mesmo texto de Fernando Pessoa:

Há o leitor de reparar que, embora eu publique (publicasse) o *Livro do desassossego* como sendo de um tal Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa, o não incluí todavia nestas “Ficções de interlúdio”. É que Bernardo Soares, distinguindo-se de mim por suas ideias, seus sentimentos, seus modos de ver e de compreender, *não se distingue de mim pelo estilo de expor*. (OP, “Nota preliminar”, Ficções do interlúdio, 1965, p. 198 – grifo nosso)

Significa que o estilo participa da heteronímia como critério. Bernardo Soares, portanto, fica excluído da publicação por não ser propriamente um heterônimo. O guardador de livros seria um semi-heterônimo, pois Fernando Pessoa delimita diferentes graus para a heteronímia de acordo com a distância ou

aproximação que os heterônimos apresentam relativamente ao estilo que expõem. Assim, Bernardo Soares diferindo de Fernando Pessoa ele-mesmo apenas nas ideias e sentimentos, é um semi-heterônimo. Os demais – Caeiro, Reis e Campos, por diferirem em pensamentos e, talvez principalmente, estilo, são heterônimos.

Desse modo, parece-nos clara a pertinência da escrita dentro da heteronímia. Ela é não apenas o meio pelo qual o fenômeno se manifesta, mas, principalmente, diz respeito a uma maneira de ser e estar no mundo relativa a uma reflexão linguística implícita ao gesto de outramento construído pelas assinaturas Reis, Campos e Caeiro.

Sob esse aspecto é que, neste momento, dedicamo-nos a pensar as implicações dessa marca: a presença consciente de uma fonte da enunciação que não encontra referente no mundo empírico, mas se constitui enquanto escrita, distinguindo-se nas diversas assinaturas que compõem a gênese heteronímica. Para tanto, pedimos auxílio a Jacques Derrida (1991), que nos ajudará a compor um breve quadro para compreensão dessa face do fenômeno.

Anteriormente assinalamos que uma das principais marcas distintivas da gênese heteronímica consistia em sua diferença – relativamente à questão do sujeito – do gesto da pseudonímia. De fato, não podemos desconsiderar que o uso de pseudônimos refere-se a uma vontade de assegurar (futuramente talvez) a identidade, ou, em termos derridianos, a presença consciente da fonte da enunciação.

Cientes disso, podemos facilmente verificar que na heteronímia esse desejo de preservação do sujeito é, no mínimo, deslocado. Os nomes que assinam o texto heteronímico não são apenas um rótulo protetor – no sentido de esconder a verdadeira identidade da autoria, mas esses nomes passam a se confundir com o próprio texto, uma vez que fica sugerida uma certa consubstanciação no gesto de outramento pela palavra.

Isso significa dizer, repetimos, que texto e autor, dentro da heteronímia, constituem-se mutuamente. Nesse sentido, uma certa relação de reciprocidade relativamente à origem da escrita e do sujeito marca a emergência da gênese heteronímica, cuja assinatura é reveladora dessa questão.

Conforme aprendemos com Derrida, a assinatura é, para a escrita, uma espécie de remissão. Se na fala temos sempre a presença do sujeito da elocução

tomando seu lugar no processo de produção do discurso; na escrita este espaço é assegurado pela assinatura, que marca sua presença:

Por definição, uma assinatura escrita implica a não presença atual ou empírica do signatário, mas, dir-se-á, marca também e retém o seu ter-estado presente num agora passado, que permanecerá um agora futuro portanto num agora em geral, na forma transcendental da permanência. Esta permanência geral está de algum modo inscrita, pregada na pontualidade presente, sempre evidente e sempre singular da forma de assinatura. (Derrida, 1991, p. 371)

Ou seja: a assinatura funciona como um rastro que liga o discurso à sua fonte, à sua origem, promovendo um tipo de testemunho sobre a presença (poderíamos já dizer existência?) daquele que assina. A assinatura reitera, imita e perpetua o signatário, não deixando de ser um testemunho, não deixando de instaurar uma memória que atesta o seu ter estado ali no ato da escrita, cujo existir, ou mais especificamente, ter existido é um problema.

Ser real quer dizer não estar dentro de mim.
Da minha pessoa de dentro não tenho noção de realidade.
Sei que o mundo existe, mas não sei se existo.
Estou mais certo da existência da minha casa branca.
Creio mais no meu corpo do que na minha alma,
Porque o meu corpo apresenta-se no meio da realidade.
Podendo ser visto por outros,
Podendo tocar em ouros,
Podendo sentar-se e estar de pé,
Mas a minha alma só pode ser definida por termos de fora.
Existe para mim – nos momentos em que julgo que efetivamente existe –
Por um empréstimo da realidade exterior do Mundo.
(OP, “Poemas Inconjuntos”, 1965, p. 241)

Algo ao mesmo tempo estranho e revelador nos sugerem esses versos de Caeiro. A realidade é tida por fora, é uma exterioridade cuja existência podemos reconhecer porque temos testemunho dela na relação que estabelecemos com o mundo. O poeta não sabe, portanto, se existe. Mas sabe que o mundo existe, pois o sente e esse sentir é definido por fora, é público. Isso não significa dizer que a realidade seja tangível, mas ela é acessível, percebida pela relação que o poeta estabelece com o exterior pela linguagem.

Podemos, em um exercício de interpretação que julgamos nos ser permitido já a esta altura do trabalho, realizar aqui uma ponte com o acontecimento heteronímico, em especial com as ressalvas pessoais sobre o modo como devemos encará-lo – lendo-os a partir da realidade própria de suas

escritas⁷. Os heterônimos pertencem ao mundo e se prestam a ser lidos assim como estão independentemente de quaisquer considerações metafísicas a respeito deles. Isso significa dizer que – como ensina Caeiro –, sabemos que o outro existe, o mundo existe, os heterônimos existem na sua evidente exterioridade.

De acordo com a nossa leitura, a gênese heteronímica, enquanto fenômeno de escrita, é registro de uma exterioridade que pode ser sentida pela evidência do olhar – pressuposto do gesto de leitura. Da realidade, ou mesmo possibilidade de ser dessas pessoas-livros, o que parece importar não é o que de verdadeiro, de real, delas podemos captar, pois não podemos conhecê-las na sua interioridade, que não se entrega, tampouco se reduz, à nossa possibilidade de saber. Mas podemos ter provas de que são possíveis e existiram porque deixaram versos, inscrevendo-se no mundo, dando-se a ver pelos nossos olhos leitores.

Segundo cremos, esse é o ponto-chave para pensarmos a heteronímia relativamente à escrita e a sua pertinência como possibilidade de radicalização da ideia de forma de vida. Ponto que desenvolveremos a seguir.

5.4 Heteronímia e forma de vida

Até o presente momento, vimos que as aproximações entre Fernando Pessoa e Wittgenstein são bastante produtivas. Conforme já observamos, o diálogo entre estes dois autores não é inédito. Nuno Ribeiro (2011) já pensou a criação heteronímica a partir da ideia wittgensteiniana de jogos de linguagem, enquanto Richard Zenith (2011, p. 1) chegou mesmo a descrever Fernando Pessoa como um “supra-Wittgenstein”.

Para o estudioso norte-americano, é possível enquadrar o trabalho de Fernando Pessoa em uma nova posição a partir do legado wittgensteiniano para a filosofia. Segundo Zenith, Wittgenstein, ao trazer os problemas da linguagem para o centro da investigação filosófica, inaugura uma nova maneira de pensar que vai contaminar toda a filosofia moderna e se perpetuar até a filosofia contemporânea, “que nunca conseguiu exorcizá-lo” (Zenith, 2011, p. 4).

⁷ Sobre isso ver a seguinte passagem que trata indiretamente dessa questão: “Há simplesmente que os ler [os heterônimos] como estão, que é aliás como se deve ler.” (OPr, “Os heterônimos e o grau de lirismo”, 1986, p. 87)

Diante dessa perspectiva, é que Zenith (2011, p. 4) acredita ser possível situar o trabalho de Fernando Pessoa na posição de “regenerador da filosofia do século XX como proponente desconhecido de uma nova e importante corrente de pensamento”. De acordo com o pesquisador, graças à virada linguística de Wittgenstein, que põe a linguagem e seus problemas no centro do método filosófico, é que nos é facultado observar no trabalho de Fernando Pessoa a emergência de um pensamento especulativo.

Nuno Ribeiro (2011), por sua vez, aproxima as formulações filosóficas de Wittgenstein da poética de Fernando Pessoa articulando a criação heteronímica, como se disse, à noção de jogos de linguagem. Segundo seu entendimento, não há em Fernando Pessoa uma resposta direta à afinidade que se pode perceber entre a emergência de seus heterônimos e a ideia de jogo de linguagem de Wittgenstein. No entanto, ao compreender a gênese heteronímica a partir do conceito de “drama em gente”, é possível estabelecermos uma aproximação.

Tendo origem na absorção da substância do drama, porém alterando-lhe a forma, a criação heteronímica pode ser relacionada à estrutura dramática em dois sentidos. O primeiro, mais imediato, estabelece que cada heterônimo constitui um personagem autônomo possuidor de uma obra e estilo próprios; o segundo, mais complexo, esclarece que a criação do “pequeno drama que constitui cada personalidade literária corresponde ao estabelecimento de um determinado jogo de linguagem” (Ribeiro, 2011, p. 158).

De acordo com Ribeiro, se para Fernando Pessoa, “[a] linguagem fez-se para que nos sirvamos dela, não para que a sirvamos a ela”, podemos considerar que várias linguagens são possíveis, mas nenhuma é necessária. A gramática é, portanto, um instrumento, e não uma lei. Logo, quem sabe mandar nas próprias expressões serve-se da gramática – “Cada homem que sabe dizer o que diz é, em seu modo, Rei de Roma” (Cf. Ribeiro, 2011, p. 154-155).

Assim, aproximando o “fazer uso da gramática” de Fernando Pessoa à observação de que os jogos de linguagem constituem formas de aplicar várias gramáticas, meios de seguir suas regras é que Ribeiro reconhece na heteronímia um gesto de radicalização da proposta wittgensteiniana. Para Ribeiro (2011, p. 158), o radicalismo pessoano encontra-se no fato de que o poeta extrapola a questão do estabelecimento dos diferentes jogos de linguagem para além da

produção de diferentes sentidos. Em Fernando Pessoa, a criação de diferentes jogos de linguagem produz “entidades literárias inteiramente autônomas e distintas”: os heterônimos.

No entanto, não acreditamos que a gênese heteronímica pode ser entendida como algo que extrapola a problemática dos jogos de linguagem, pois não a compreendemos apenas como uma forma de o poeta se apropriar do fenômeno linguístico. Concordamos com Adolfo Casais Monteiro quando diz que “a criação dos seus heterônimos (de Fernando Pessoa) é uma fase da sua criação de companheiros, de situações, de vidas...”, o que nos sugere que uma insistente remissão à ideia de *vida* configurando o gesto heteronímico ao lado da questão linguística.

De acordo com a nossa leitura, os heterônimos, enquanto escrita, não se reduzem à construção de uma gramática própria que lhes dá forma. Sua gênese diz respeito a algo que se encontra enraizado na natureza da linguagem e sua maneira de se relacionar com o mundo. É nesse sentido que relacionamos a heteronímia de Fernando Pessoa à ideia de forma de vida de Wittgenstein, que tentaremos delimitar a seguir.

A interpretação habitual diz que a ideia de forma de vida é uma ênfase de Wittgenstein na natureza social da linguagem e da conduta humanas. Estaria, portanto, relacionada a uma certa apreensão à tendência da filosofia em enfatizar o interior às expensas do exterior na investigação de questões como significado, estado de consciência, seguir uma regra, etc. Ou seja, muitos comentadores entendem a ideia de forma de vida como sendo algo que se refere essencialmente àquilo que o filósofo austríaco chama de práticas ou convenções (Cf. Cavell, 1997, p. 44-54).

Cavell (1997, p. 45) concorda que esta “ideia da ideia de forma de vida” não está errada, sendo esse um viés muito importante para sua compreensão. Contudo, como vimos, acredita que enfatizar apenas o aspecto social da noção de forma de vida eclipsa algo mais profundo: a preocupação geminada nas *Investigações* com o natural, que se encontra quando deslocamos a ênfase na ideia de *vida* subjacente ao termo *forma de vida*. Trata-se de um termo que, como também já observamos, apresenta poucas ocorrências na obra de Wittgenstein, mas tem enorme importância para a compreensão de sua obra – e é em particular, juntamente com a noção de jogos de linguagem, fundamental para a compreensão

da perspectiva wittgensteiniana sobre a linguagem e sua relação com o mundo. Contudo, embora ambos os termos estejam relacionados, eles não se confundem.

O termo *jogo de linguagem* refere-se ao conjunto da linguagem e às práticas a ela interligadas (PU, §7): os jogos de linguagem referem-se às nossas práticas cotidianas implicadas no uso que fazemos da linguagem. Comandar, descrever objetos, relatar um acontecimento, inventar uma história, pedir, agradecer, orar, etc. (PU, §23) são exemplos de jogos de linguagem. Tais jogos de linguagem não se confundem com a ideia de forma de vida, embora estejam intimamente relacionados. “O termo ‘jogo de linguagem’ deve aqui salientar que *o falar* da linguagem é uma parte de uma atividade ou de uma forma de vida” (PU, §23 – grifo nosso).

Enquanto podemos entender que as atividades que envolvem a prática linguística são lances que dentro da linguagem configuram seus jogos, de alguma maneira podemos entender que o horizonte em que esses lances são possíveis estabelecem o que Wittgenstein chama de *formas de vida*. É nesse sentido que compreendemos a comparação feita no parágrafo 25, que transcrevemos a seguir:

Diz-se muitas vezes: os animais não falam porque lhes faltam as capacidades espirituais. E isso significa: ‘eles não pensam, por isso não falam’. Mas: eles não falam mesmo. Ou melhor: eles não empregam a linguagem – se abstrairmos as mais primitivas formas de linguagem. Comandar, perguntar, contar, tagarelar pertencem à história de nossa natureza assim como andar, comer, beber, jogar. (PU, §25)

Ao se referir aos gestos de comandar, perguntar, contar, tagarelar – todos implicados no horizonte da linguagem –, como pertencentes à história da nossa natureza, Wittgenstein, conforme percebemos, assinala o elemento linguístico como distintivo do humano. Embora esta passagem que assinalamos privilegie a ideia de natureza, Stanley Cavell (1997) nos adverte da importância de se manterem em uma tensão não hierárquica os dois sentidos a partir dos quais se costuma entender forma de vida: um etnológico ou horizontal, referindo-se às convenções, aos contratos sociais que definem nossos modos de agir; o outro, biológico ou vertical, dizendo respeito àquilo que nos define enquanto seres humanos em oposição a outras espécies.

O sentido convencional se relaciona às práticas histórica e culturalmente determinadas. Por exemplo, diferenças entre prometer e ter a intenção de cumprir

a promessa, ou entre um sistema de trocas via escambo ou crédito se situam no plano do social, das trocas da sociedade humana. O sentido biológico de forma de vida, por sua vez, recorda diferenças entre aquilo que é considerado humano por natureza, em comparação com outras formas de vida distintas da nossa, consideradas “inferiores” ou “superiores”. Seria uma diferença entre comer usando talheres ou pegar a comida com a pata ou o bico (Cf. Cavell, 1997, p. 46).

Em outras palavras, podemos compreender que a ideia de forma de vida carrega consigo de maneira latente a seguinte pergunta: o que nos define enquanto humanos? Acreditamos com Cavell que as formas de vida têm que ser aceitas, como o dado, também naquilo que recebemos como herança dos nossos antepassados no sentido biológico, e não meramente social. Ele enfatiza oportunamente não as *formas* de vida, mas as formas de *vida*. Isso define o que distingue o humano dos vários tipos de vida.

Dito isso, acreditamos ser possível delimitar a relação que percebemos entre a ideia de forma de vida e a heteronímia pessoana.

Conforme entendemos, a gênese heteronímica suscita, no final das contas, um questionamento a respeito daquilo que consideramos válido como critério de existência. Esclarecemos: a partir da nossa leitura, quando Fernando Pessoa cria as personalidades literárias Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos atribuindo-lhes obras que devem ser lidas sob a perspectiva de que eles realmente existiram, ele acaba por redefinir um tipo de existência que pode ser lida como uma forma de vida.

Ou seja, de acordo com nossa leitura, por meio da escrita heteronímica, Fernando Pessoa realiza não somente um experimento poético, mas um experimento de vida. De fato, a fluidez com que se estabelecem os limites da ficção ali leva-nos a questionar se a poesia, em Fernando Pessoa, não passa a ser potência de vida a partir da heteronímia.

Em outras palavras, quando Pessoa cria Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis, ele não apenas constrói um experimento poético, mas um experimento de vida, a qual não se desvincula, segundo sua concepção estética, da arte, e, de acordo com nossa leitura, da linguagem. Nesse sentido é que aproximamos o gesto heteronímico de Fernando Pessoa à ideia wittgensteiniana de forma de vida.

Nesse sentido é que entendemos os heterônimos como radicalização da ideia de forma de vida: eles seriam supra-humanos, diríamos numa apropriação livre de Zenith (2011), quando fala que Fernando Pessoa é um supra-Wittgenstein. Supra-humanos porque sua forma de ser se resume à marca distintiva dos humanos relativamente aos demais seres: sua relação com o mundo a partir da linguagem articulada.